

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, AGOSTO/2010 - ANO XIII - Nº 163

Fotos Andréia Marcondes

EDITORIAL

Aos poucos as questões ambientais passaram a fazer parte dos discursos das pessoas. Ecologia é assunto do dia-a-dia da sociedade. A preocupação com a preservação da natureza faz com que muitos mudem de comportamento, assimilando hábitos saudáveis.

Contribuem para isso os meios de comunicação que a todo momento noticiam o que vem acontecendo no mundo em decorrência do aquecimento global: geleiras se desprendendo da calota polar, ondas de calor, incêndios, chuvas torrenciais, enchentes, deslizamentos... Esses eventos climáticos extremos parece que estão aumentando de frequência e intensidade. O planeta agoniza e pede socorro. As consequências dos agravos ambientais repercutem em todos. O mundo vem se conscientizando de que é preciso agir o mais rápido possível, enquanto há tempo de reverter esse processo. Assim, ecologia está na moda.

Apesar dos apelos dos meios de comunicação quanto às questões ambientais e às mudanças de hábito da população mundial em relação à natureza, em Piquete as coisas seguem num ritmo lento. Os ribeirão que cortam a cidade, cujas águas vêm diminuindo drasticamente de volume ano a ano, se encontram cheios de lixo, com entulhos de toda espécie, mal cheirosos, causando péssima impressão em quem visita a cidade.

Além de disso, a falta de plantio e recuperação das encostas na cidade dão um aspecto de abandono e descaso com a paisagem, principalmente no período de seca, quando o fogo criminoso destrói as poucas árvores que teimam em nascer. Continuamos a manter uma relação predatória com a natureza.

Precisamos acordar e tratar com mais respeito o meio ambiente. Precisamos de ações continuadas voltadas para a educação ambiental. Precisamos de exemplos de cidadania. Precisamos mudar nossos hábitos e enxergar que a cidade também é nossa. Podemos, se quisermos, nos tornar referência em questões ambientais. Este é o desafio.



Um povo que não valoriza a própria cultura é como uma colmeia sem abelha-rainha, um grupo sem norte, sem capacidade de escrever sua história e, portanto, sem condições de traçar o rumo de seu próprio destino.

Patrimônio Natural e Patrimônio Cultural

Quando pensamos em cultura, devemos lembrar que ela é produto do meio em que o ser humano está inserido. É o resultado de uma interação contínua entre pessoas de determinada região, nasce da adaptação do homem ao ambiente e abrange inúmeras áreas do conhecimento.

Por isso, o meio ambiente, quando entendido a partir de um ponto de vista humanista, compreende a natureza e as modificações que nela introduziu e vem introduzindo o ser humano. Assim, o meio ambiente é composto por terra, água, ar, pela flora e fauna, por edificações, obras de arte e elementos subjetivos e evocativos como a beleza da paisagem ou a lembrança do passado, inscrições, marcos de fatos naturais ou da passagem de seres humanos fazedores de cultura.

Quando falamos em cultura popular, estamos nos referindo não apenas às manifestações festivas e às tradições orais e religiosas do povo brasileiro, mas ao conjunto de suas criações, às maneiras como se organiza e se expressa, aos significados e valores que atribui ao que faz. Ressaltamos a força da resistência e da persistência da cultura brasileira, que acreditamos ser crucial. Num país multiétnico e biodiverso como o Brasil, chama a atenção de todos que o visitam a riqueza de nossas paisagens e da cultura popular. De norte a sul, são inúmeras as expressões culturais preservadas pela

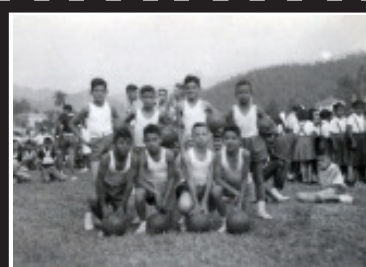
comunidade que colore nosso jeito de ser, pensar e agir, demonstrando a necessidade de falarmos de inclusão e diversidade, de educar para a diferença natural dos tantos povos que compõem o brasileiro. Essa pluralidade é que cria arte, cultura, solidariedade, regras de convivência, ética, pertencimento, autoestima, respeito à riqueza e ao patrimônio identitário, com cara de Brasil, que precisa entender-se valorizado para enfrentar a pós-modernidade globalizada.

O interesse pelos bens culturais pode ser restrito ao povo que vive essa cultura, mas pertence, também, a toda a humanidade, que tem o direito à existência de diferentes culturas ou à sociodiversidade.

A sociodiversidade é indissociável da biodiversidade. Ambos são fundamentais para a civilização e a cultura dos povos. A ameaça do desaparecimento do patrimônio cultural é assustadora, porque é ameaça de desaparecimento da própria sociedade. Enquanto o patrimônio natural é a garantia de sobrevivência física da humanidade, que necessita do ecossistema para viver, o patrimônio cultural é a garantia de sobrevivência social dos povos, porque é produto e testemunho de vida. Um povo que não valoriza a própria cultura é como uma colmeia sem abelha-rainha, um grupo sem norte, sem capacidade de escrever sua história e, portanto, sem condições de traçar o rumo de seu destino.

Imagem - Memória

Fotos arquivo Pro-Memória



A “Semana da Raça” em Piquete

Com a presença de autoridades civis, militares e escolares de Piquete e de fora, além de grande massa popular, a “Semana da Raça” tinha início no dia 1º de Setembro e era organizada pelo Departamento Educacional da FVP. A documentação fotográfica existente e o depoimento de muitos que participaram desses eventos na década de 1940 comprovam o brilhantismo dessa solenidade, que acontecia no Campo do Estrela.

Os festejos eram abertos pelo professor presidente do Círculo da Juventude de Piquete, órgão do Departamento Educacional, que procurava evidenciar em seu discurso a responsabilidade dos adultos na formação das novas gerações, indicando ser dever de todos trabalhar para o desenvolvimento intelectual, moral e cívico da juventude. Dessa Semana participavam não apenas os alunos dos diversos cursos do Departamento Educacional, mantido pela Fábrica, mas também das escolas do município. Havia uma programação para cada dia, com provas esportivas disputadas pelos alunos: saltos de altura e extensão, torneio de futebol, vôlei, basquete, ginástica rítmica, corridas de saco, “do ovo”, “da agulha” e “do velocípede”... O encerramento das solenidades acontecia no dia 6 de setembro, quando eram entregues os troféus e prêmios conquistados nas competições da Semana. O Campo do Estrela ficava lotado com os alunos, os familiares e autoridades. Um professor sempre chamava a atenção sobre o evento reforçando que a “Semana da Raça” era voltada para que os jovens aprendessem a valorizar nossas tradições e o Brasil como Pátria. Não bastava nascer num país qualquer para tornar-se cidadão. Era preciso respirar o seu clima espiritual, sentir suas tradições e costumes, participar das suas horas de angústias e alegrar-se com as

vitórias, trabalhando para sua grandeza”.

A Semana da Raça, comemorada em todo o Brasil, foi criada por Getúlio Vargas durante o Estado Novo (1937-1945). Esse foi um período marcante na história nacional. Instituído oficialmente em novembro de 1937, marcou, sem dúvida alguma, a inserção de uma nova cultura política no país que agregou as bases para a formação do atual Estado brasileiro. A criação de ministérios e a consolidação de suas legislações, direcionadas prioritariamente para as áreas educacionais e trabalhistas, configuram as principais atuações do Estado Vargasista, que instituiu sob medida a chamada “cidadania do trabalho” como elemento definidor da cultura política em voga. Nesse contexto histórico, Piquete se beneficiou com a expansão da Fábrica de Pólvoras, a geração de novos empregos e também com uma experiência educacional sem precedentes na região: visando a atender os filhos dos operários da Fábrica com formação técnica, sua administração criou uma Escola de Aprendizagem Industrial nos moldes do SENAI. No entanto, a fim de atender outras demandas e estender a oportunidade de estudos a todos os jovens da cidade, novas escolas e cursos foram criados. O resultado dessa experiência educacional chamou a atenção do então Ministro da Educação, Gustavo Capanema, que enviou a Piquete o pedagogo Lourenço Filho para constatar a excelência dos trabalhos educacionais aqui desenvolvidos.

Durante o Estado Novo a Educação foi uma das principais preocupações do governo, visto que seu objetivo evidente era formar uma nação forte. Neste sentido, era interessante conscientizar a juventude em relação ao sentimento de civismo e depurar costumes sociais que pudessem interferir na construção de uma nova identidade

nacional. A principal proposta do Estado era construir um consenso coletivo. A questão da formação da nacionalidade e da identidade nacional vinha ocupando espaço por todo o país e procurava fazer com que as instituições escolares fossem veículos para a propagação dessas ideias. As festividades constituíam um momento para que se mostrasse à sociedade ideias e valores já presentes no universo cultural daquela época. As festas cívicas contavam com a participação intensiva de operários da FVP, escolas, jovens e crianças, militares, representantes políticos e do clero, e eram amplamente divulgadas.

A Semana da Raça terminava com o desfile de 7 de Setembro, data em que se comemora a Proclamação da Independência. As fotografias daquela época nos transmitem a ideia de ordem e disciplina, bem ao estilo das noções e concepções do Estado Novo. Representavam o ideal patriótico.

As fotos que ilustram esta página são da década de 1940, no Campo do Estrela.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:

Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor: Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Coronel Pederneiras, 204
Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração: Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

GENTE DA CIDADE

Edival

Foi uma grata surpresa quando, em abril de 1999, chegou à redação de O ESTAFETA, trazida por Chico Máximo, uma crônica intitulada “Velha Praça da Bandeira”, escrita por Edival da Silva Castro. A publicação agradou a todos os leitores e serviu de estímulo para que o autor, a partir de então, passasse a colaborar mensalmente com este informativo. Chama a atenção a facilidade com que Edival transfere para o papel as memórias que detém dos anos 50 e 60 passados em Piquete, sua terra natal.

Filho de Norival Chrispim de Castro e Angelina da Silva Castro, é o caçula entre seis irmãos. Nasceu na Casa 14 da Avenida Gomes Carneiro, em 28 de julho de 1940. Destinada a mestres, sargentos e subtenentes, a Vila era composta por vinte e quatro casas, além de uma isolada. Recordase, com detalhes, de todos os moradores, e lembra, saudoso, o “hospitalzinho” e seus funcionários, atual Forum. Cita as famílias Marques, Masiero, Luz, Paula Souza, Carvalho... Lembra-se, também, das brincadeiras com “as dezenas” de amigos que fez ao longo dos 14 anos em que lá morou. Muito ativo, Edival procurava participar de todas as “atividades de moleque” e, sempre atento, registrava na memória privilegiada esses momentos, que hoje resultam em saborosas crônicas, como “Tempos de Menino”, já publicada.

Do Jardim da Infância, em que foi aluno de Dona Eurides Galli, cita o pequeno zoológico, em que muito se divertiu. Frequentou o Grupo da Fábrica, em que foi alfabetizado – com a cartilha “Caminho Suave”, faz questão de dizer – pela professora Bernadete, esposa do diretor, professor Melchíades. Estudou, ainda, no Ginásio da Fábrica. “O Piquete de minha infância e adolescência era bom demais... Tínhamos cinema, piscina, quadras de esporte, boas escolas, grêmios esportivos, festas juninas, natalinas, quermesses... Tudo mantido pela Fábrica”.

Após a aposentadoria do pai, a família se mudou para rua Coronel Pederneiras. Quando adolescente, frequentou o Clube



dos Ex-Alunos e o Comercial, na Praça da Bandeira.

Em 1961, foi admitido na Fábrica para trabalhar na Diretoria Administrativa. O chefe era o coronel Leônidas de Freitas. Em 1964, devido a uma explosão que abalou a estrutura do prédio em que trabalhava, a administração passou a funcionar na Casa 1, na Vila da Estrela. Em 1966, Edival ingressou na Polícia Militar, em que ficou por vinte e quatro anos, tendo se aposentado a 14 de agosto de 1990, como primeiro tenente da Polícia Rodoviária Estadual.

Em 13 de outubro de 1962, casou-se com Hilda Iris Rodrigues. Tiveram três filhos e sete netos.

Em 1997, administrou a farmácia de um sobrinho seu em Piquete, na Praça da Bandeira. Foi lá que nasceu o cronista. “Ficava observando a Praça e as lembranças foram tomando conta de mim... Daí surgiu ‘Velha Praça da Bandeira’”. A Farmácia foi vendida, mas Edival tomou gosto pelas letras... Não parou mais. Seu estilo é eclético e inconfundível; proporciona, por vezes, risadas, por vezes, lágrimas... Mas agrada sempre...

Reside há anos em Lorena, mas é visto frequentemente em Piquete. Apoiador incondicional da Fundação, participa de todos os eventos promovidos. Edival é exemplo de piquetense que ama sua cidade e não a quer esquecer. Torce por Piquete e por seu povo. Seu amor é transferido para o papel, que O ESTAFETA faz questão de propagar...



Notas da Cidade

✓ Desde 2009, o Jongo de Piquete é reconhecido Ponto de Cultura pelo Ministério da Cultura e pela Secretaria do Estado de São Paulo da Cultura, por meio do projeto “Jongo de Piquete: um novo olhar”, da Fundação Christiano Rosa. Este animado grupo tornou-se embaixador de Piquete pelo Brasil a fora e também em outros países da América Latina, como a Venezuela.

✓ O Jongo de Piquete apresentou-se no SESC Pinheiros, na capital paulista, no sábado, 7 de agosto. A apresentação fez parte do projeto “Bumbo de Bamba: São Paulo é samba”, homenagem ao samba paulista e suas manifestações populares, que reúne uma programação de shows musicais, apresentações em praças e rodas de conversa.

✓ No dia 14 de agosto, o Jongo de Piquete esteve presente na maior festa folclórica do Brasil: o 46º Festival Nacional do Folclore. Este Festival, que aconteceu na cidade paulista de Olímpia – Capital do Folclore – entre os dias 10 e 15 deste mês, contou com a presença de setenta e cinco grupos de dezenove estados brasileiros. Além das exhibições dos grupos de música e dança, havia também exposição de artesanato de todas as regiões do Brasil e ótima gastronomia, com culinária regional brasileira. O Jongo de Piquete, como acontece em todos os lugares em que se apresenta, contagiou a todos os que assistiram.

✓ A Câmara Municipal de Piquete promoverá no dia 27 de agosto, no Salão de Atividades “Luiz Vieira Soares”, Sessão Solene comemorativa ao Dia do Militar. Na oportunidade, receberão o Cartão de Prata os militares Cap. Augusto Libânio Alves de Sene, Cap. PM Andréa Marcondes de Albuquerque Figueiredo, Sub. Tenente Paulo César Leite, Sargento Germana do Carmo Castro, 3o Sargento PM Geraldo Ribeiro da Costa, Soldado William Felipe Arantes, Soldado Almir Nunes de Brito, Soldado PM Evandro José de Vilas Boas e Soldado PM Nilson Ribeiro Pereira.

O evento contará com a presença do Superintendente da Fábrica Presidente Vargas, Cel. Emídio Silva Dias, que fará pronunciamento alusivo à data.

Estórias Centenárias - 2ª edição

Uma resenha e comentários que se impõem

O Cel. Wanderley Gomes Sardinha nos brindou com a obra *Estórias Centenárias*, em que, com outros autores, nos faz reviver Piquete por um século.

Desfilam, nas linhas do livro e no arranjo das palavras, pessoas, eventos, edifícios, reminiscências, lições de vida e culto à memória.

Não fora o organizador e autor das crônicas o bom memorialista que é, e que tem dado provas de o ser. Agora, em segunda edição revisada e aumentada, datada de Lorena 2010, temos o acervo realmente acrescido de importantes contribuições para nossas referências e reflexões.

Assim, a apresentação elaborada pelo Gen. Álvaro Henrique Vianna de Moraes para o livro confirma a *finalidade por sua linguagem agradável*; referindo-se ao trabalho do Cel. Wanderley, nos remete à importância da reedição.

E bem considera a vivacidade das citações na ressonância dos ruídos, no olfato dos aromas e na audição daqueles sons vinculados pela ruralidade, modificada pelo toque da vanguarda e do moderno – a ruptura provocada pela bem recebida entrada de uma indústria bélica dada por necessária. Não sem atrelar os participantes do ato projetivo, de fundação e de continuidade, e pelo evidente empenho na busca de um futuro veiculado na motivação da defesa nacional.

Aliás, o prefácio do engenheiro José Ferreira Rocha já salientara o interesse do Cel. Wanderley em tê-lo nos quadros técnicos da Fábrica Presidente Vargas. É por isso que considera a importância da instalação referencial na comemoração do centenário, de que se ocupa a obra. E da qual, para orgulho do autor, teve bem sucedida sua indicação, e a Fábrica, por receber seus serviços.

Demonstra que fez instalar a produção de nitroglicerina.

Em seguida, é colocada a síntese histórica do estabelecimento fabril. O Dr. Antônio Carlos Monteiro Chaves faz desfilar os eventos em suas datas, prota-

gonistas e considerações paralelas, além dos comentários sobre os efeitos provocados na sequência.

Uma peça notável pelo conteúdo, significação e motivos é apresentada pelo título *A criação do Memorial Usina Rodrigues Alves*, da autoria do Gen. Cássio Rodrigues da Cunha. Nela sente-se a inteira participação do referido General como realmente mobilizado pela idéia de restauração do edifício monumento-histórico que abrigou a primeira usina hidroelétrica do município, farto de águas fluviais, e que hoje sedia um bem montado memorial da Fábrica Presidente Vargas. De indiscutível beleza e simbolização, a usina, hoje revivida da obra de restauro, é testemunho da importância que abriga. Ao General citado os agradecimentos que nós, cidadãos piquetenses, devemos fazer, por nós mesmos e nossos antepassados que puseram na Fábrica emoção e trabalho, e que legamos para o futuro.

O General Cássio, militar dotado de espírito humanitário e sólida formação concedida pela Academia Militar em seus princípios de nacionalidade e culto ao empreendimento cultural, mostra-nos, como junto ao Gen. Moraes, empenhou-se na possibilidade da execução da obra restauradora. Salienta o apoio recebido da Fundação Christiano Rosa e diz-se cultor da emoção em solidificar as esperanças entusiasmadas do General Moraes pelo projeto finalmente levado a efeito. O envolvimento com especialistas das áreas de execução e de memorialística fica bem retratado no relato histórico das providências tomadas. Finalmente completada, a obra engloba a transcrição de seu discurso proferido no ato da inauguração do memorial da Usina Hidroelétrica Rodrigues Alves a 15 de setembro de 2006. Não deixa de registrar a alegria da participação, o envolvimento com o importante sítio histórico do edifício fundador e a visão estratégica dos planejadores iniciais e idealizadores primeiros.

Comove-nos a maneira gentil de referir-

se à nossa comunidade, os cumprimentos e os votos de esperança para que a conservação e manutenção do Memorial sejam continuadas. Não sem a lembrança viva do que foi, para ele, ideia capital: tirar o edifício da usina da imagem deteriorada que exibia, esquecido entre um matagal. A profunda identificação humana com a obra secular é um dos principais apanágios dessa referência dada literariamente nas *Estórias Centenárias*. Leia-se com atenção.

Soma-se, a seguir, a análise feita pelo Gen. Gilmar Pinto Barbosa – *A IMBEL e a estratégia nacional de defesa*. Considerações que nos permitem avaliar a importância das forças ligadas à Estratégia Nacional de Defesa e a necessidade das tecnologias ligadas à questão de soberania. Trata-se de uma importante aula sobre as questões mais prementes no campo da estratégia, defesa, soberania e força dissuasiva.

Ao que seguem as crônicas centenárias, para se chegar à “*IMBEL hoje*”, comentário oportuno e bem documentado pelo Cel. Naor Seixas Monte. Uma atualização que enriquece nosso cabedal de conhecimentos sobre a Fábrica e a Imbel.

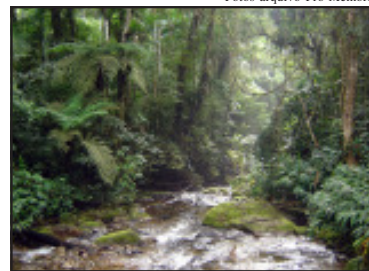
Dentre as crônicas de vários autores com experiências do trabalho na Fábrica, os testemunhos de homens que, em diferentes tarefas, se envolveram profissional e afetivamente. Portanto, o propósito da crônica do Cel. Jorge da Rocha Santos sobre *O Ser Humano na Fábrica Presidente Vargas* salienta figuras representativas nomeando-as em suas funções e historicizando processos produtivos para homenagear a dedicação, o entusiasmo e a colaboração de todos os citados, além do genericamente considerado ao final – o ser humano na Fábrica.

Do memorial fica-nos a responsabilidade em preservá-lo e conservar-lhe os equipamentos. Uma importante mostra iconográfica fecha a obra com propriedade. Agradecemos, penhorados, a publicação.

Dóli de Castro Ferreira

Fotos arquivo Pro-Memória





Fotos arquivo Pro-Memória

Brasil – terra da diversidade

O Brasil é a terra da diversidade. Nossas florestas se caracterizam por um número altíssimo de espécies. Os naturalistas e pesquisadores, ao longo dos séculos, têm-se fascinado com tamanha gama de flora e fauna.

A Mata Atlântica não foge à regra. Não é uma, são muitas, e a essas diferentes matas se associam ainda outros ecossistemas fazendo uma cadeia de vida com muitos e diferentes elos.

A mais rica das vegetações da Mata Atlântica é de sombra e água fresca, a Mata Ombrófila Densa, encontrada em nossa região, nas encostas da Serra da Mantiqueira, terreno de topografia muito acentuada. A inclinação das escarpas proporciona uma luz mais bem distribuída permitindo que as árvores aumentem suas copas. A alta pluviosidade da região – nuvens carregadas que batem nas encostas e se precipitam – ajuda a criar a visão de um jardim formado por epífitas, bromélias,

musgos, líquen e incontáveis riachos de água límpida. Mais acima, por volta dos 1.400 metros, a Mata de Altitude raleia. Aparecem belíssimas araucárias. Mais acima ainda, transforma-se nos Campos de Altitude, onde restam arbustos, vegetação rasteira, e, nos meses de inverno, geada e muito frio, como nas encostas do maciço dos Marins.

A região de Piquete é privilegiada por diferentes paisagens e por manter intactos significativos fragmentos dessas matas. No entanto, descendo a serra, chegando à região em que a cultura do café, no século 19, e, mais tarde, a criação do gado, substituíram a mata, a cidade surgiu e se expandiu. Apesar dos ricos fragmentos de Mata Atlântica ainda existentes no município, é preciso que ações voltadas para um planejamento estratégico busquem garantir a preservação dessa diversidade biológica interligando esses fragmentos de floresta por meio de corredores de conectividade.

Essa é uma preocupação da Fundação Christiano Rosa que, desde 1997, vem desenvolvendo projetos para a recuperação de mata ciliar e proteção de nascentes. Em 2004 desenvolveu projeto piloto de revegetação de mata ciliar na microbacia do ribeirão Tabuleta / Benfica, onde foi plantado um hectare com duas mil mudas de espécies nativas da região. O resultado foi animador. Desde 2007 vem desenvolvendo um ambicioso projeto de revegetação de mata ciliar na microbacia do ribeirão Limeira, cujas nascentes se localizam na mata da IMBEL. Já foram plantados, de maneira continuada e sistemática, 27 hectares, além de recuperar nascentes tributárias deste ribeirão. Foram mais de 54 mil mudas de noventa diferentes espécies da mata atlântica. Quando as margens do Limeira estiverem reflorestadas, será formado um corredor ecológico que ligará suas nascentes, na APA da Mantiqueira, à sua foz, no Paraíba do Sul, em Lorena.

Ser sodomita é não ser hospitaleiro

A Argentina foi o primeiro país latino-americano a aprovar a união civil entre pessoas do mesmo sexo, seguindo a mesma orientação de alguns países europeus. Este fato, que divide opiniões, tem gerado reações apaixonadamente adversas, sobretudo de setores mais conservadores da sociedade.

Neste contexto de polêmica, o texto do capítulo 19 do Livro do Gênesis, a destruição de Sodoma, a cidade pecadora, tem sido utilizado largamente para condenar relacionamentos amorosos entre pessoas do mesmo sexo. Esta maneira de ler este texto, porém, é bastante empobrecida e omite a verdadeira mensagem nele contida.

Para compreendermos esta história da Bíblia, precisamos começar a leitura no capítulo 18. Abraão recebe em sua tenda, junto ao carvalho de Mambré, três peregrinos. Os peregrinos eram pessoas em situação extremamente vulneráveis, precisavam de água, comida, abrigo e segurança. A hospitalidade, nos lugares em que passavam, era algo fundamental para suas vidas durante a peregrinação. O texto descreve o comportamento exemplar de Abraão: “Ao vê-los, correu da entrada da tenda ao encontro deles e se prostrou por

terra, dizendo: Senhor, se encontrei o seu favor, não passe junto ao seu servo sem fazer uma parada. Vou mandar que tragam água para que vocês lavem os pés e descansem debaixo da árvore. Vou trazer um pedaço de pão e vocês poderão recuperar as forças antes de partir...”. Ao ir embora, o hóspede abençoou a casa de Abraão: “No próximo ano eu voltarei a você, então sua mulher já terá um filho...”. Quem é hospitaleiro e faz o bem ao semelhante que necessita é abençoado por Deus; este é o primeiro ensinamento do texto. O capítulo 18 termina com uma revelação de Javé a Abraão: iria destruir Sodoma, cidade em que morava seu sobrinho Ló, por causa das injustiças de seus habitantes

No capítulo 19 temos a chegada dos peregrinos à casa de Ló, que lhes fez um hospitaleiro convite: “Senhores, fiquem hospedados em casa do seu Servo, lavem os pés e pela manhã continuarão o caminho (...). Ló preparou uma refeição, mandou assar pães sem fermento, e eles comeram.” Em extremo contraste à acolhida bondosa de Ló, o texto apresenta a injusta falta de hospitalidade dos moradores de Sodoma, que hostilizam os forasteiros, que “ainda não haviam deitado quando os homens da cidade rodearam a casa. Eram

os homens de Sodoma, desde os jovens até os velhos, o povo todo sem exceção. Chamaram Ló e lhe disseram: traga-os para que tenhamos relações com eles.” A história termina com a destruição da cidade pecadora após a saída de Ló e sua parentela.

É comum escutarmos que a destruição de Sodoma deveu-se ao fato de seus habitantes terem tentado cometer atos libidinosos homossexuais com os peregrinos que estavam na casa de Ló. Na verdade, este texto condena a falta de hospitalidade como um grave pecado. Os habitantes de Sodoma, ao invés de dar água, pouso, comida e proteção aos vulneráveis peregrinos, os hostilizaram querendo penetrá-los. A maneira de hostilizar aqui não é o mais importante, poderia ser qualquer outra. O problema é a falta de acolhida, sem a qual não era possível sobreviver às provações da peregrinação.

Quem não é hospitaleiro não socorre o irmão necessitado e é injusto com os fracos, recebe o castigo de Deus. Eis o segundo ensinamento deste texto da Escritura.

Pe. Fabrício Beckmann

Crônicas Pitorescas

De 0 a 13...

Palmyro Masiero

As superstições que se pensava fossem coisas do folclore continuam por aqui, bem vivinhas neste novo milênio. Este empicocado planetinha está lotado de pessoas que creem nesses antigos azares, como passar por baixo de escada, quebrar espelhos, queimar sal, pio de coruja etc. Esquecem-se de que, talvez, o maior azar esteja justamente nessa sintetização feita pelo falecido presidente Johnson: “Vivemos num mundo que se reduziu a uma vizinhança antes de se ampliar em uma irmandade”. Que se há de fazer? Como dizem por aí: é cada um na sua. Barra é o exagero... Vejam:

Cenário: rodoviária de Taubaté. Gente comprando passagem e marcando passe para São José dos Campos em ônibus direto. Vai entrando e tomando assento. Um velhinho, barbas longas, bem vestido, entrar e dá passagem para outros se locomoverem, mas não se senta. Lotação completa e ordem de partida. Não pode sair com viajante em pé. Lá está o homem idoso ereto em frente à poltrona vaga.

– O cavalheiro podia se sentar? solicitou o motorista.

Com sotaque nordestino, ele responde:

– Nesta poltrona sento não.

– Que é que há com ela?

– É número 13.

– E daí?

– De jeito nenhum sento. Dá azar!

– Mas o senhor não pode ir em pé... É proibido.

– Mas eu vou. Sentar aqui sento não.

Lá no fundão, outro viajante, não crendo no azar do número ou querendo se acomodar melhor, propõe:

– Se o senhor quiser, eu sento aí e o senhor senta aqui na minha.

– Está bem...

O ancião foi para trás enquanto o outro vinha para a frente. Quando olhou o número de sua nova poltrona, voltou-se a ouvir sua voz:

– Sento nesta também não! É 31... Contrário de 13...

Não aconteceu a troca e o homem insistiu em ficar em pé à frente da 13.

– Meu senhor – apelava a paciência do chofer –, se existe azar é com o 13, não com o 31!

– Feito não! De lá pra cá o 31 é 13...

A coisa estava nesse impasse, com o motorista coçando a cabeça e o restante dos passageiros – maioria estudante – divertindo-se com o inusitado caso. Um jovem, cujas intenções poderiam ser de ajuda ou de pressa, tentou solucionar o caso:

– Senta, então, aqui na minha, tio.

E levantou-se.

– Qual é o número?

– 24 – respondeu indiferente o rapaz.

– Desaforado! Tem educação não? Fazer vexame pra mais velho?

– Quê isso, meu? Tô tentando ajudar! – disse o rapaz gesticulando o braço direito, como se o estivesse mandando para algum lugar indefinido.

Irado, o macróbio, em pé, ameaçava com o dedo em riste:

– Se eu fosse mais moço, ensinava tu a debochar de macho, cabra safado!

O estudante deixou a coisa barata. A situação estava ficando cômica em excesso e, antes que algum temporal desabasse dentro do carro, o chofer acalmou o excitado senhor e foi iluminado por uma ideia:

– Vamos fazer o seguinte: na saída o senhor se abaixa e, quando chegar mais à frente, pode ir da maneira que quiser.

Dito e feito. De cócoras ele foi até o primeiro ponto, onde outros passageiros entraram. A poltrona 13, dando sopa, foi ocupada por um ignorante de sua terrível sina sob o olhar penalizado do velhinho. Viagem seguiu até São José dos Campos, o coletivo encostou e tanto o venerável nordestino supersticioso como o estranho da poltrona 13 chegaram intactos.

Na descida do degrau, o pobre ancião pisou de mau jeito no piso e torceu o pé... Velhinho providente, não?

O Tempo e o velho

Edival da Silva Castro

Um velho encontra-se sentado na calçada defronte à sua casa; traz o olhar perdido no vazio.

Nisso, passa o Tempo. Vai até a esquina, volta e lhe diz:

– Bom dia, meu velho! O que está acontecendo? Você está cabisbaixo. Parece aborrecido. Olhe para cima. É lá que se encontra o arco-íris e moram as estrelas.

– Bom dia, seu Tempo! Estou fazendo uma análise da vida. Você bem sabe que na velhice nos tornamos saudosistas. E tem mais: é do seu conhecimento que fui criança disciplinada, rapaz destemido, homem trabalhador. Semeei boas sementes. Estou pronto...

O Tempo medita, coça a cabeça, põe uma das mãos no queixo e fala:

– Pois é... Você se abalou com a minha passagem. Pensa que vim buscá-lo? Claro que não. Você tem muito tempo ainda. Eu estava somente passando...

– Tá bem, seu Tempo! Alegro-me com sua complacência.

– É... Agora tenho que ir. O dever me chama.

O Tempo partiu.

O velho vagaroso ajeitou os óculos, apoiou-se na bengala e adentrou sua casa.

E o tempo passou...

Numa madrugada fria, chegou o Tempo. Encontrou o velho agora bem mais velhinho num asilo, sozinho e moribundo. Dirigiu-se a ele:

– Ei, velho. Aqui estou...

– É... Eu sei. Pensei que tivesse se esquecido de mim.

– Não, não esqueci, não.

– Seu Tempo, espera um bocadinho. Logo, logo será primavera.

– É, meu velho... Vai acontecer amanhã pela manhã. E aí eu não vou ter mais tempo...

(...)

O relógio da Matriz

Os ruídos urbanos

Abalam seu som.

É preciso querer ouvi-lo

Compassado, somando alegrias

E agonias.

O relógio da Matriz

Registra em cada meia hora

O sinal consagrado

Da memória.

O ecoar cristalino

Nas dobras das curvas

Dos morros

É o sinal esperado

Da vida contada.

Registra os que se foram,

Os que estão e são,

E os que vêm

E virão

Sempre,

Para lembrar um tempo

Que não acaba.

Dóli de Castro Ferreira



Acesse na internet, leia e divulgue o informativo

“O ESTAFETA”

www.fundacaochristianorosa.cjb.net

Horário eleitoral

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Estamos novamente em tempos de propaganda eleitoral. Todos os dias, nas rádios e na televisão, assistimos os candidatos aos cargos de presidente da república, governador, senador, deputados estadual e federal apresentando – alguns em segundos – sua proposta política. Impossível alguém não ter ouvido um amigo reclamar: “detesto esse horário eleitoral”.

As eleições deste 2010 para presidente estão polarizadas entre os dois maiores candidatos. Cada um, à sua maneira, tenta convencer os indecisos e cooptar os que já têm opinião formada a mudar de lado. Apresentam, para isso, um currículo repleto de obras realizadas e experiências administrativas, além de “garra, vontade de trabalhar pelo país”... Como atrativo, passam por uma transformação radical: plásticas, mudanças de cabelo, figurino e gestual; tudo milimetricamente calculado visando a impressionar o eleitor.

Quando as eleições são para prefeito e vereador, especialmente em cidades pequenas como Piquete, conhecemos os candidatos no seu dia-a-dia. Não é o caso agora, quando, na maioria das vezes, nossa opção é avaliar as informações disponíveis na mídia.

Em eleições passadas, afirmações como “transformar o Congresso”, “investir em educação, saúde e segurança” elegiam candidatos. Hoje, a situação está começando a mudar. Não dá mais para aceitar promessas vazias, sem fundamentos. Há que se questionar: transformar como? De onde virá o dinheiro para os investimentos prometidos?

Voltemos, então, ao horário eleitoral gratuito... Assisti-lo é, muitas vezes, constrangedor.. Dá-se destaque aos “candidatos-celebridades”, que desfilam asneiras, como “não sei o que faz um deputado estadual; votem em mim que eu digo pra vocês...” ou “pior que está não fica”. Ainda não me decidi, mas é certo que candidatos que têm discursos com trechos como estes estão fora de questão. Minha opinião é a de que por meio dele podemos, pelo menos, saber em quem NÃO vamos votar.

Há opções como os debates televisivos; acredito que eles podem acrescentar algo à nossa balança; por mais preparado pelo marketing que esteja um candidato, naquele momento ele está sozinho. As declarações em entrevistas, para mim, dizem muito a respeito do candidato. Por vezes, a sinceridade aparece e descobre-se a realidade.

Para nos decidirmos por um candidato, vale, ainda, a avaliação de sua vida pública ou das atividades que desenvolveu como profissional privado. Não votemos pela aparência ou porque o candidato é “amigo de fulano ou sicrano”... De nosso voto dependem os caminhos do estado e do país, e, por consequência, maiores ou menores dificuldades para nós mesmos.

Bicentenário da Independência

Abigayl Lea da Silva

O tempo que vai do bebê ao homem adulto, completamente dono de si, abarca vinte e cinco (25) anos.

Se a expectativa de vida do ser humano fica por volta de setenta e cinco (75) anos, ao homem é dada a possibilidade de assistir a três (3) gerações. Um casal pode acompanhar apenas o desenvolvimento dos filhos e dos netos.

O centenário equivale a quatro (4) gerações. É, portanto, uma boa medida para a reavaliação da vida de um povo.

Digo reavaliação porque a simples avaliação deve ser efetuada a cada geração. Por cada um dos cidadãos. E pelos governos.

O ser humano que comanda a vida da comunidade está na geração do meio – dos vinte e cinco (25) aos cinquenta (50) anos.

Está na moda o vocábulo *pegada* para traduzir as marcas deixadas pelo bicho-homem na sua passagem pela Terra. Mas a pegada não é apenas negativa. Eu não devo medir apenas quanto a minha geração produziu de lixo, prejudicou os mananciais, entupiu a atmosfera com CO₂ e gases de efeito estufa. E a sua responsabilidade no tamanho do buraco da camada de ozônio.

Cada geração é um degrau na conquista do conhecimento, na decifração do Universo.

Assim, a geração de Gutenberg ofereceu a imprensa; a do Infante D. Henrique, os instrumentos de navegação; a de Santos Dumont, o avião; a de Bill Gates, o computador.

No plano dos governos, vinte e cinco anos equivalem a seis (6) legislaturas mais um quarto (1/4). É tempo oportuno para que a comunidade nacional pare e pense.

Como vai este município, como vai esta região, como vai este estado, com vai este país? É hora de tirar a Constituição da algibeira e comparar cada artigo, cada inciso com a realidade brasileira. É hora de convocar não uma simples Audiência Pública, mas uma Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) aberta a todas as forças vivas da nação para verificar a quantas anda a vida do país.

Você, que está empenhado na campanha do seu candidato, pode parar uns minutinhos, elaborar umas questões simples, acompanhadas de sugestões também simples e, sem alarde, afixá-las ao painel do comitê.

A sua geração não precisa causar uma ruptura com a invenção da imprensa ou do computador. Ela pode ser maior ainda – pode tentar dar resposta à mais terrível das perguntas: por que a humanidade ainda não pôs fim à pobreza?

Sugiro aos adultos jovens que não deixem passar o tempo. Comecem logo a expor sem medo suas propostas. Os

problemas estão aí mesmo, no dia a dia, criando feridas na pele da democracia.

Aceitem alguns exemplos que a mídia exaustivamente.

1. Desigualdade Salarial no Serviço Público.

Por que as Faculdades de Economia e Administração não enviam ao Congresso um projeto com o piso salarial de empregos de nível fundamental, empregos de nível médio e empregos de nível superior?

2. Ausência de brasileiros de cor preta na Universidade.

Por que o Ministério da Educação não cria uma escola de nível médio, profissionalizante e uma universidade federal exclusivas para brasileiros natos, de cor preta, segundo o modelo das academias militares? Os alunos terão alojamento, alimentação, estudo, assistência médica-dentária e uma pequena bolsa para gastos pessoais.

A escola de nível superior poderá agregar-se à Universidade de Brasília e ter o mesmo corpo docente.

Igual providência poderá ser tomada pela universidade federal mais próxima das comunidades indígenas. As duas unidades de ensino, médio e superior, receberão as etnias indígenas de todo o território nacional.

Após 25 anos as escolas serão avaliadas e, cessada a necessidade de sua existência, seu patrimônio poderá ser incorporado ao da escola-mãe.

3. Revisão Agrária

A paz no campo só é possível com projetos locais de colocação de mão de obra excedente. Não tem o menor cabimento um cidadão sair do Espírito Santo ou do Rio Grande do Sul e vir até São Paulo para dizer aos paulistas o que devem fazer com suas terras.

Recentemente o governo federal deslocou órgãos relativos à mineração, criando a Agência Nacional de Mineração.

Por que não criar a Agência Nacional de Terras, deslocando para ela os funcionários do Incra?

Precisamos saber com urgência o que é federal e o que é estadual. O governo federal precisa proteger suas terras para evitar a grilagem. Ao Ministério do Desenvolvimento Agrário devem ser encaminhados os projetos estaduais para a ocupação de mão de obra no campo. Quando aprovados, o Ministério efetuará todas as gestões necessárias para a sua realização.

As eleições estão aí. Cérebros à obra, cidadãos!

Faltam apenas doze (12) anos para o “mea culpa” do segundo centenário.

Que seja bem desenhada a pegada desta geração!

Fotos arquivo Pro-Memória

Pelos caminhos do Jongo e do Caxambu

História, memória e patrimônio

O ponto de cultura “Jongo de Piquete: um novo olhar” promoveu, no Espaço Cultural “Célia Ap. Rosa”, da Fundação Christiano Rosa, nos dias 30, 31 de julho e 1º de agosto, uma oficina em que foi debatida a identidade negra. Coordenada pelo professor Gilberto Augusto da Silva, o Mestre Gil, os trabalhos se desenvolveram a partir do livro “Pelos Caminhos do Jongo e do Caxambu”, publicado pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Escrito por um grupo de jovens historiadores que se envolveram com a construção e divulgação do jongo/caxambu e memória, o livro foi coordenado pelas professoras Hebe Mattos e Martha Abreu e é parte integrante do Pontão de Cultura do Jongo/Caxambu, uma ação de treze comunidades jongueiras do Sudeste, do IPHAN e da UFF.

A oficina contou com a participação do Dr. Antônio Carlos Monteiro Chaves, pesquisador da história de Piquete, que, a partir da localização das comunidades jongueiras no Sudeste brasileiro, historiou a chegada de levas de negros escravos para trabalhar nas fazendas de café do Vale do Paraíba. Em sua exposição, ilustrou a importância do trabalho dos negros nas inúmeras fazendas em Piquete e a herança por eles deixada. O interesse demonstrado pelos participantes da oficina foi grande, especialmente em função de os trabalhos apresentarem inúmeras fotografias do acervo da Fundação Christiano Rosa.

Quando a questão da identidade negra

foi trazida para a realidade piquetense, todos os participantes contribuíram com relatos enriquecendo a apresentação. Foi apontada a importância do conhecimento e da preservação da memória, de maneira a fortalecer os laços identitários da comunidade e, portanto, de cidadania.

A história do negro em Piquete foi exemplificada por uma família referência, cujo patriarca, Geraldo Porfírio, um ex-escravo, ocupou relevante espaço na sociedade. Após o 13 de Maio, constituiu família, participou da construção da Fábrica de Pólvora sem Fumaça, educou as filhas e foi um dos guardiões da memória do Jongo. Ao final dos trabalhos, foi discutida, ainda, a importância do patrimônio material e imaterial. Os participantes fizeram uma reflexão sobre a questão ambiental e o Dr. Antônio Carlos frisou que, num país rico em manifestações culturais, a sócio-diversidade é indissociável da biodiversidade. Os participantes sugeriram que outros encontros aconteçam e seja divulgada a participação do negro na comunidade piquetense. Ficou a sugestão de se levar os debates para as escolas e de se instrumentalizar os professores com esses conhecimentos.

Estão previstos para acontecer até o final deste ano mais duas oficinas que abordarão a questão da identidade e três oficinas de audiovisual promovidas pelo Ponto de Cultura “Jongo de Piquete: um novo olhar”.



Atividades da Fundação Christiano Rosa

☒ Fundação coordena trabalho do governo do Estado de São Paulo

A Fundação Christiano Rosa venceu licitação pública realizada em julho/2010 pela Coordenadoria dos Recursos Hídricos da Secretaria de Meio Ambiente do Estado de São Paulo, e será a responsável pela Coordenadoria Técnica de estudos destinados à atualização do Plano Estadual dos Recursos Hídricos. O principal objetivo é a repactuação dos Planos de Metas das vinte e duas Unidades de Gerenciamento de Recursos Hídricos (UGRH) do Estado de São Paulo, que servirá de subsídio para a atualização do Plano Estadual de Recursos Hídricos. A técnica responsável pela coordenadoria deste trabalho será a Arquiteta Ana Maria

de Gouvêa.

☒ Oficina de Trabalho

No desenvolvimento do Plano de Bacias do Rio Paraíba do Sul, realizou-se no dia 24 de agosto, no SEST/SENAT, em Taubaté, uma Oficina Participativa de Trabalho do Plano de Bacias Hidrográficas do Paraíba do Sul – Trecho Paulista. Este Plano vem sendo elaborado pela Fundação Christiano Rosa, a qual tem como parceiros o Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT) e a Fundação de Ciência, Aplicações e Tecnologias Espaciais (FUNCATE).

Durante a oficina, os diferentes departamentos que integram a bacia hidrográfica foram caracterizados por membros da sociedade civil, técnicos e representantes de órgãos públicos. O objetivo principal

foi captar a visão dos atores sociais que vivem neste trecho da bacia do Paraíba do Sul, em seus diferentes compartimentos. Foram discutidos, entre outros, os seguintes pontos: situação dos recursos naturais, esgoto, lixo, água. Os dados levantados permitirão priorizar as ações necessárias para a melhoria dos recursos hídricos da bacia e oferecer água com quantidade e qualidade necessárias para o seu desenvolvimento.

☒ Fundação cadastrada no CADEA

No dia 16 de julho, a Fundação Christiano Rosa recebeu da Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo o “Certificado de Entidade Ambientalista” por preencher os requisitos requeridos pelo governo.